

PORTUGUÊS GUINEENSE E PORTUGUÊS EUROPEU: UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A PERCEPÇÃO DAS SUAS DIFERENÇAS ENTOACIONAIS

Gabriela BRAGA¹

Sónia FROTA²

Flaviane Romani FERNANDES-SVARTMAN³

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v18i3.3164>

Resumo: A Guiné-Bissau é um país multiétnico e multilíngue em que o português é a língua oficial, embora não seja língua materna. Estudos desenvolvidos com base na Fonologia Prosódica e na Fonologia Entoacional sobre o português falado na Guiné-Bissau (PGB) apontam que, quanto à densidade tonal, ele afasta-se da variedade lisboeta (SEP) e aproxima-se de variedades ultramarinas, como o português brasileiro. Entretanto, novos dados do PGB mostram maior similaridade ao SEP quanto ao contorno entoacional: ambos apresentam platôs melódicos, porém SEP apresenta um platô contínuo, enquanto PGB, uma composição de pequenos platôs. Neste trabalho, apresentamos um teste de percepção piloto, verificando se PGB e SEP são de fato distintos, embora o SEP seja a norma-alvo. A tarefa de discriminação AX categorial foi realizada por brasileiros e portugueses, em que apenas o contorno entoacional de sentenças declarativas neutras do SEP e do PGB era apresentado. Os resultados mostram que brasileiros percebem mais a diferença entre SEP e PGB quando ouvem primeiro a entoação do SEP, indicando que um contorno seria melhor distinguido pela alternância entre tons do que pela quantidade de acentos tonais. Assim, o tipo de contorno entoacional parece uma pista mais robusta do que densidade tonal na diferenciação de variedades/línguas.

Palavras-chave: Entoação. Percepção. Variedades de português. Português falado na Guiné-Bissau. Português Europeu.

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; gabraga.g@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8127-9511>

2 Universidade de Lisboa (FLUL), Lisboa, Portugal; sonia.frota@mail.telepac.pt; <https://orcid.org/0000-0002-6102-0772>

3 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; flavianesvartman@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-9941-3934>

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

GUINEAN-BISSAU PORTUGUESE AND EUROPEAN PORTUGUESE: A PRELIMINARY STUDY ON THE PERCEPTION OF THEIR INTONATIONAL DIFFERENCES

Abstract: Guinea-Bissau is a multiethnic and multilingual country, in which Portuguese is the official language, although not a native one. Studies about Portuguese spoken in Guinea-Bissau (PGB) developed within the Prosodic Phonology and the Intonational Phonology framework show that PGB tonal density is different from Lisbon European Portuguese (SEP) and closer to overseas varieties, such as Brazilian Portuguese. However, new data from PGB shows a similarity to SEP regarding the intonational contour: we found melodic plateaus in both varieties, with SEP having a long plateau whereas PGB shows a series of small plateaus. In this paper, we present findings from a perception pilot to examine if PGB and SEP are perceived as similar or different. A categorical AX discrimination task with Brazilian and Portuguese participants was used. The stimuli were low-pass filtered to show only the intonation contour of broad focus sentences of SEP and PGB. The results showed that both Portuguese and Brazilian participants perceive the difference between SEP and PGB, especially when they first hear the SEP intonation, indicating that a contour would be better distinguished by alternation between tones than by the pitch accents amount. Thus, contour type seems a more robust cue than tonal density in variety/language differentiation.

Keywords: Intonation. Perception. Varieties of Portuguese. Portuguese spoken in Guinea-Bissau. European Portuguese.

Introdução

O que estabelece estarmos diante da variedade de uma língua? Além da localização geográfica dos falantes, podemos pensar que nasce uma nova variedade quando há a criação de uma nova norma linguística, que traga diferenças lexicais, sintáticas, semânticas, pragmáticas, fonéticas e fonológicas da língua “inicial”, embora em muitos aspectos as variedades de uma “língua-mãe” ainda possam ser inteligíveis entre si. Para além das características linguísticas, a construção de uma variedade carrega consigo seu contexto histórico e sociocultural, perpassando seu ambiente de uso e intenção do falante.

Estudos sobre as características entoacionais das sentenças declarativas neutras do português falado na Guiné-Bissau (PGB) (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015; SANTOS; BRAGA, 2017) apontam que, ao menos do ponto de vista entoacional, o português falado neste país (doravante PGB) se afasta da variedade europeia

tida como padrão (português falado em Lisboa, doravante SEP) e se aproxima de outras variedades ultramarinas de português, como o português brasileiro (PB) e o português de São Tomé (PST, falado em São Tomé e Príncipe). Entretanto, novos dados do PGB mostram uma maior similaridade ao SEP no que diz respeito à forma que o contorno entoacional assume, embora a densidade tonal pareça ser diferente.

Neste trabalho, apresentamos os resultados de um teste de percepção piloto em que testamos se essa diferença seria percebida por falantes de PB e de SEP, verificando se, assim como do ponto de vista da produção, o PGB, uma variedade de português que acreditamos estar em formação, já apresenta características entoacionais próprias, que o afastam do SEP, variedade-alvo no país.

Contexto histórico e sociolinguístico da Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau é um país da África do oeste localizado entre o Senegal (ao norte) e a Guiné (ao sul e leste) e banhado pelo oceano Atlântico. Com uma população de cerca de 1759 mil habitantes (EBERHARD; SIMONS; FENNIG, 2018), o país é um território multilíngue e multiétnico, onde encontram-se mais de 20 grupos com suas respectivas línguas, além do guineense (também denominado como “kriol”) e do português.

O país faz parte da região que compreendia a Costa da Alta Guiné, que se estendia desde a margem sul do rio Gâmbia até uma área definida vagamente ao longo da costa do atual sudeste da Libéria, abarcando, assim, seja em parte ou totalmente, Gâmbia, sul do Senegal, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa e Libéria, do ponto de vista geográfico, e que também abrangia o oeste da Costa do Marfim, numa perspectiva histórica e cultural (KNÖRR; TRAJANO FILHO, 2010), sendo a região continental também designada como Rios de Guiné do Cabo Verde (BULL, 1989).

Desde o século XIII, as estruturas sociais e políticas existentes na Alta Guiné incluíam pequenos grupos descentralizados (ou mesmo sem a liderança de um Estado) que viviam em aldeias dispersas, assim como comunidades relativamente grandes (de até 7000 pessoas) e organizadas de maneira mais centralizada (D’AZEVEDO, 1962; HORTON, 1985), que ocupavam territórios já mais afastados da costa (BROOKS, 2003; HAWTHORNE, 2003; SILVA HORTA, 2000). De acordo com Knörr (no prelo), essa estrutura social e política da região da costa da Alta da Guiné teria sido formada por múltiplos encontros entre os diferentes grupos e sociedades da região. Autores como Hawthorne e Nafafé (2016) apontam que, na região da costa da Alta Guiné, estavam os baga, balanta, banhum, biafada, bijagó, cassanga, felupe, fula, djola, nalu, papel, sape, jolonke e mandinga, falantes de línguas pertencentes a três famílias linguísticas africanas (grupos Atlântico, Mande, Kru).

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

A chegada dos portugueses à costa da África do Oeste em meados do século XV causou mudanças sociais de longo prazo na região, que afetaram as políticas recém-formadas, particularmente aquelas no litoral (KNÖRR, no prelo). No início do século XVI, um número pequeno de portugueses começa a se estabelecer na área, concentrando-se na região de Bissau e Cacheu, assim como em outras cidades portuárias (HAWTHORNE; NAFAFÉ, 2016). Por todo território ao longo da costa da Alta Guiné, colonos e mercadores portugueses encontraram pessoas de um vasto número de grupos étnicos que já haviam se estabelecido ali. Além disso, a chegada dos portugueses ao local também desencadeia o surgimento de novos grupos e categorias sociais.

Jacobs (2010) postula que existem argumentos históricos e linguísticos de que um protocrioulo da Alta Guiné tenha emergido e se nativado no final do século XV e início do século XVI em Santiago (Cabo Verde), de onde teria sido levado para o continente por caboverdianos que se instalaram na região ao redor de Cacheu no final do século XVI. O autor argumenta que esse contingente de caboverdianos desencadeou o estabelecimento e difusão do protocrioulo da Alta Guiné em Cacheu, de onde teria se espalhado para locais como Ziguinchor (hoje pertencente ao Senegal), Geba e Bissau.

A primeira fortificação no território que viria a se tornar a Guiné-Bissau foi a Praça de Cacheu, fundada em 1558, junto à foz do rio Cacheu, marcando o início da ocupação portuguesa. A fortaleza de Bissau, atual capital do país, só foi construída no final do século XVII. Segundo Bull (1989, p. 62), as “praças” e os “presídios” constituíam na Guiné os principais centros populacionais, sendo as bases da colonização.

Segundo Hawthorne e Nafafé (2016), os portugueses que se estabeleceram na Alta Guiné antes do século XIX se adaptaram aos costumes locais e se engajaram nas práticas culturais locais, tornando-se parte de algo que já era intrínseco à história da Alta Guiné. O tipo de relação estabelecida entre “lançados” e as populações locais se deu de forma estratégica: as alianças matrimoniais entre lançados e as mulheres pertencentes às famílias de chefes locais geravam novas posições sociais e contribuía para o desenvolvimento da sociedade crioula que então se formava (KNÖRR, no prelo).

De acordo com Hawthorne (2010), no século XVIII, portugueses e africanos que residiam nas praças (lançados, tangomãs, filhos da terra e até os grumetes, por terem sido batizados) eram conhecidos como moradores e se autodenominavam portugueses independentemente de onde tivessem nascido. Entretanto, poucos que haviam nascido ali falavam a língua portuguesa, de modo que a maioria conhecia línguas africanas locais, incluindo o kriol. A coroa portuguesa não tinha força política na região, e mesmo depois de séculos de interação com grupos locais, apenas uma parcela ínfima da população

falava português, pois o crioulo era a língua preferida dos africanos nas praças e as línguas locais eram faladas nas demais regiões.

A presença portuguesa no território intensifica-se após a Conferência de Berlim (1884-1885), pois Portugal passa a buscar maior domínio sobre a região, atacando as áreas de maior densidade populacional. Em 1912, tem início a campanha de “pacificação” rumo aos territórios do interior e do arquipélago de Bijagós. Segundo Kihm (1994), após diversas campanhas sangrentas, travadas até 1915, Guiné-Bissau estava completamente conquistada pelos portugueses, embora a submissão de Bijagós tenha se dado em 1936.

A Carta Orgânica da Província da Guiné, promulgada em 1917, assegurava a toda a população dessa colônia a cidadania portuguesa, com todos os direitos civis e políticos, desde que o indivíduo desse provas de dedicação à “Nação Portuguesa”: soubesse ler, escrever ou ao menos falar a língua portuguesa; possuísse os meios necessários para sua subsistência ou a capacidade de trabalho para tal; e tivesse bom comportamento, atestado pelas autoridades.

Entretanto, como afirma Kohl (2018, p. 164), tais medidas não foram eficazes no apagamento do crioulo e no “aportuguesamento” da população. Pelo contrário, conforme assume Carreira (1984), a influência do crioulo expandiu-se lentamente entre as décadas de 1920 e 1930, até que a incursão portuguesa para o interior, levando infraestrutura e fazendo com que muitas pessoas migrassem para as cidades, desencadeasse sua rápida expansão. Assim, o crioulo, inicialmente falado pela parcela da população que residia na região das praças e presídios e que constituía a sociedade crioula, passou a ser usado como língua franca também no interior, em especial porque nenhuma das línguas étnicas possuía uma hegemonia dentre os diversos grupos e o português, além de não estar massivamente no território a ponto de fornecer o *input* para seu aprendizado, representava o invasor a ser combatido.

Embora esse tenha sido o momento em que o crioulo tenha se expandido por todo o território guineense, este é também o início de sua estigmatização. Em 1940, tem-se início a escolarização primária, feita pelas missões católicas e unicamente em português, sendo as línguas autóctones e o crioulo declaradamente banidos do ambiente escolar.

Com a formação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), em 1956, surge um sentimento nacionalista que culmina na luta pela independência (1961-1974). É nessa conjuntura que o crioulo encontra seu *status* como língua de identidade nacional. Segundo Kihm (1994, p. 6, tradução nossa⁴), a língua guineense

4 No original: “[...] it became both a practical tool for linguistic unification within the Party and the armed forces and a symbol of the new Bissau-Guinean nationality”.

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

“se tornou tanto um instrumento prático para a unificação linguística dentro do partido e das forças armadas quanto um símbolo da nova nacionalidade guineense”. Hoje, o kriol é a língua mais falada no país, da unidade nacional, sendo utilizado por cerca de 90% da população, entre falantes de língua materna e segunda língua, de acordo com o último Censo realizado no país (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2009), embora outras fontes afirmem que na verdade cerca de 839 mil pessoas (quase 48% da população) falem kriol, sendo declarada como língua materna por cerca de 239 mil falantes (EBERHARD; SIMONS; FENNIG, 2018).

Após a independência (1974), entretanto, adotou-se o português como a língua oficial do país, tendo como justificativa a necessidade de manutenção do contato com as outras ex-colônias portuguesas e com a lusofonia em geral (KIHM, 1994). Ainda segundo o Censo de 2009, um terço da população fala português, majoritariamente como uma das línguas faladas como segunda língua, sendo a variedade lisboeta (SEP) a variedade-alvo e a gramática normativa lusitana a norma escrita adotada no país.

É a partir deste quadro que perguntamos como é a língua portuguesa falada na Guiné-Bissau. Os órgãos públicos e os meios de comunicação em massa do país utilizam o português no dia a dia, nas situações de formalidade, e, nas escolas, o português é a língua de uso obrigatório. Considerando as circunstâncias históricas, culturais e sociolinguísticas da Guiné-Bissau, podemos assumir que a língua portuguesa está em contato intenso e permanente (ao menos) com o kriol, sendo possível que os guineenses, ao usarem o português, o façam utilizando parâmetros que o distingam de SEP. Neste estudo, buscaremos investigar se de fato o português falado na Guiné-Bissau difere-se do português europeu no que tange à percepção.

Aparato teórico

Neste trabalho, utilizamos os pressupostos da Fonologia Entoacional Autossegmental-Métrica, na linha de Pierrehumbert (1980), Ladd (2008 [1996]), entre outros, numa perspectiva integrada à Fonologia Prosódica, proposta por Selkirk (1984, entre outros) e Nespor e Vogel (2007 [1986]), para a descrição e análise entoacional do PGB e da relação entre a associação de eventos tonais ao seu contorno entoacional e a formação de seus constituintes prosódicos. O mesmo enquadramento teórico foi utilizado para a descrição entoacional do SEP e do PB, variedades com as quais comparamos o PGB e que correspondem às línguas maternas dos participantes desta pesquisa.

A Fonologia Entoacional Autossegmental-Métrica postula que a entoação tem uma organização fonológica. Considerando a entoação em níveis de altura tonal e seguindo

uma linha de análise utilizada inicialmente por Pierrehumbert (1980), a teoria tem como principal objetivo identificar os elementos contrastivos da estrutura entoacional, além de fornecer ferramentas que sejam capazes de descrever universalmente as gramáticas entoacionais das línguas naturais.

De acordo com Ladd (2008 [1996]), um contorno entoacional é constituído por uma parte fonológica e uma contraparte fonética. Fonologicamente, ele é constituído por uma sequência de unidades discretas, denominadas eventos tonais, que se formam a partir de dois níveis de altura distintos: alto (H – *high*) ou baixo (L – *low*). Foneticamente, ele é realizado através do contorno da frequência fundamental (F_0 do sinal acústico). A teoria assume que os eventos tonais são definidos localmente, um em relação ao anterior, de modo que é considerado suficiente o uso de somente dois tons para a descrição dos contornos, mesmo sendo ampla a variação de altura de F_0 . Além disso, os eventos tonais formam blocos de contorno e estão associados a pontos específicos na cadeia segmental. Os eventos tonais que descrevem o contorno entoacional nessa teoria são os “acentos tonais” (*pitch accents*) e os “tons relacionados a fronteiras” de constituintes prosódicos.

Os acentos tonais são associados às sílabas proeminentes da cadeia segmental e podem ser simples (L ou H) ou complexos, sendo acentos tonais ascendentes (L+H) ou descendentes (H+L) (LADD, 2008 [1996]). O tom que estiver alinhado à sílaba tônica do item lexical aparecerá marcado com um asterisco em seu lado direito. Também podemos utilizar diacríticos para descrever movimentos específicos do tom H: utilizamos ‘!’ para sinalizar um processo de *downstep* (degrau abaixo), indicando que este tom H se realiza relativamente mais baixo do que o tom H anterior, e ‘ı’ para o processo de *upstep* (degrau acima), em que o tom H se realiza relativamente mais acima do que o tom H que o precedeu. Neste estudo, o uso dos diacríticos diz respeito a características fonológicas, fazendo parte da gramática entoacional da língua.

Quanto aos tons que se relacionam às fronteiras, estes são encontrados associados às fronteiras de domínios prosódicos e podem ser de dois tipos: acentos frasais (T), que se associam às fronteiras de constituintes prosódicos mais baixos que o sintagma entoacional; e tons de fronteira (T%), que podem se associar às fronteiras de sintagmas entoacionais (PIERREHUMBERT, 1980).

A perspectiva de análise entoacional assumida neste estudo prevê a integração entre a estrutura entoacional e os domínios formados pelos algoritmos da Fonologia Prosódica (cf. FROTA, 2000 para o PE; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b para o PB; entre outros), de modo que a atribuição de eventos tonais à cadeia segmental depende da relação de constituência (da interface da fonologia com as outras áreas da gramática) e proeminência (o elemento mais importante de um constituinte prosódico) definidos na estrutura prosódica.

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

A Fonologia Prosódica, por sua vez, assume que a cadeia da fala se dá de forma organizada e que reflete uma gramática dos sons. Essa organização revela uma estrutura hierárquica formada por constituintes. Estes constituintes, por sua vez, se formam através da interface entre a Fonologia e os outros módulos da Gramática (tendo em mente que esta é uma teoria de cunho Gerativista) (SELKIRK, 1984; NESPOR; VOGEL, 2007 [1986]). Entretanto, não há necessariamente isomorfia entre um constituinte prosódico e um elemento morfossintático, podendo esses constituintes coincidir ou divergir.

Neste trabalho, seguimos uma abordagem teórica *relation-based*, que postula que a organização dos constituintes prosódicos se daria através do acesso à informação sobre a relação núcleo-complemento existente entre os constituintes sintáticos (NESPOR; VOGEL, 2007 [1986]; entre outros).

Na esteira dos trabalhos realizados para a descrição das variedades de português que se utilizam da visão integrada entre Fonologia Entoacional e Fonologia Prosódica, adotamos aqui as definições de palavra prosódica (PW), sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP) feitas inicialmente para o português europeu e estabelecidas a partir das definições *relation-based* de Nespor e Vogel (2007). Estes são os domínios prosódicos levados em consideração em nossas análises, visto que já foram atestados em muitas línguas do mundo e os que se mostraram mais relevantes na associação de eventos tonais ao contorno entoacional nas variedades de português já estudadas no mesmo arcabouço teórico (variedades de PE, de PB, o PST e o próprio PGB)⁵.

Em linhas gerais, em português, a PW é o domínio prosódico que contém um único acento primário (VIGÁRIO, 2003)⁶. PhP é constituído por um núcleo lexical, os elementos funcionais de seu lado não recursivo (o esquerdo, em português) dentro da mesma projeção máxima e, opcionalmente, o sintagma complemento e não ramificado desse núcleo lexical, se dentro da mesma projeção máxima (FROTA, 2000). Já IP apresenta um contorno entoacional definido, cujas fronteiras coincidem com a posição nas quais pausas gramaticais podem ser inseridas, sendo formado por toda sequência de PhPs adjacentes de uma sentença raiz ou por toda sequência de PhPs adjacentes que não esteja incorporada estruturalmente à árvore da sentença (FROTA, 2000).

5 Nas variedades já estudadas (variedades de PE, de PB, o PST e o PGB), tem-se que o domínio privilegiado para a associação de acentos tonais pode ser PW (FERNANDES, 2007A, 2007B; TONELI, 2014; BRAGA, 2018), PhP (TENANI, 2002; VIGÁRIO; FROTA, 2003; CRUZ, 2013; entre outros) ou mesmo IP (FROTA, 2000, 2014; FROTA; VIGÁRIO, 2007). Quanto à associação de eventos tonais às fronteiras de constituintes, tem-se que o domínio relevante para a associação de acentos frasais é PhP (FERNANDES, 2007A, 2007B; CRUZ, 2013; SANTOS, 2015; BRAGA, 2018; entre outros), e para tons de fronteira, IP (FROTA, 2000; TENANI, 2002; FROTA; VIGÁRIO, 2007; CRUZ, 2013; SANTOS, 2015; BRAGA, 2018; entre outros).

6 Em nossas análises, consideramos o clítico fonológico como um elemento funcional, sem acento e prosodicamente dependente, sendo adjungido ou incorporado à palavra prosódica hospedeira.

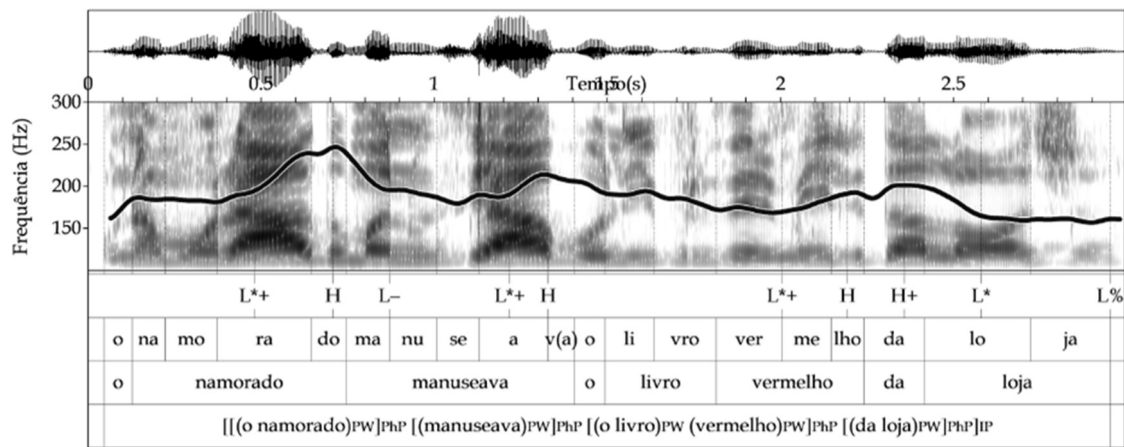
- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

Já as sentenças declarativas neutras do PGB, em trabalhos prévios (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015; SANTOS; BRAGA, 2017) foram descritas como tendo obrigatoriamente um acento tonal associado a todas as PWs cabeça de sintagma fonológico, embora também tenha sido encontrada uma alta associação de acentos tonais a PWs não cabeça de PhP, o que revela a alta densidade tonal dessa variedade de português. Também foi verificado que há maior associação de acentos tonais a sintagmas fonológicos que compõem o sujeito do que naqueles que compõem o predicado da sentença, de modo que há associação de acento tonal a todas as PWs que pertençam ao sujeito, independentemente de sua ramificação prosódica ou sintática e de seu comprimento em número de sílabas. Já na posição de predicado, PWs não cabeça de sintagma fonológico podem não receber acento tonal (SANTOS, 2015). Ademais, Santos e Fernandes-Svartman (2014) também verificaram a possibilidade de associação de eventos tonais adicionais H às PWs longas, semelhante ao que foi encontrado para PB (FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; entre outros).

No que tange ao contorno nuclear, assim como nas variedades de PB, SEP e de Albufeira (região portuguesa do Algarve) (FROTA, 2000; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015, entre outros), foram encontrados predominantemente acentos descendentes seguidos de tom de fronteira baixo: 'H+L* L%' (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015). Entretanto, é possível a realização de um contorno nuclear baixo 'L* L%' (SANTOS, 2015) para as sentenças declarativas neutras nessa variedade de português, configuração também encontrada nas variedades portuguesas de Braga (FROTA; VIGÁRIO, 2007), de Castro Verde (região do Alentejo) (ALE) (CRUZ, 2013) e para PST (BRAGA, 2018).

Além disso, o PGB, assim como ALE e o PST, apresenta a possibilidade de associação de acento frasal baixo (L⁻) à fronteira de sintagma fonológico. Entretanto, diferentemente do que foi encontrado para a variedade lusitana, os acentos frasais em PGB, assim como em PST, aparecem associados à fronteira direita de sintagma fonológico não final de IP. Tais acentos frasais apresentam-se associados majoritariamente a fronteiras de sintagmas fonológicos que constituem o sujeito da sentença (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015). As características entoacionais do PGB são ilustradas na Figura 2.

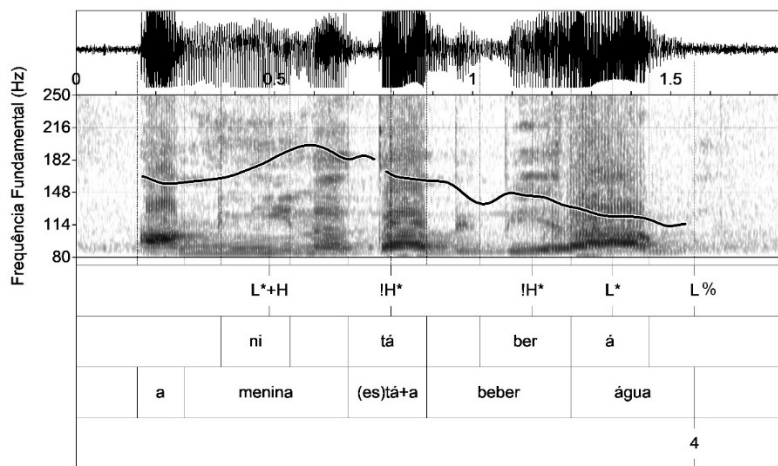
Figura 2. Contorno entoacional do enunciado “O namorado manuseava o livro vermelho da loja”, produzida como uma sentença declarativa neutra da variedade PGB



Fonte: Santos e Braga (2017, p. 76).

Entretanto, na análise de novos dados (BRAGA, em preparação), encontramos nas sentenças declarativas neutras de PGB um contorno melódico parecido com o do SEP (no que diz respeito à presença de platô), mas que apresenta tons H associados a todas as palavras prosódicas que compõem o enunciado, como podemos ver na Figura 3.

Figura 3. Contorno entoacional do enunciado “A menina está a beber água”, produzida como uma sentença declarativa neutra da variedade PGB



Fonte: Braga (em preparação).

Diante deste comportamento e por esses tons H serem perceptualmente salientes para ouvidos não nativos, perguntamo-nos se o PGB seria percebido como uma variedade que apresenta mais densidade melódica, o que indicaria a associação de acentos tonais às PWs, ou se seria percebido tal qual SEP, o que poderia nos indicar que na verdade trata-se de um único tom H que se estenderia, por interpolação, até o contorno nuclear H+L* L% ou L* L%, embora, durante a análise entoacional dos novos dados, a sequência de tons H tenha sido encontrada.

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

Materiais e Métodos

Para tentarmos responder nossa pergunta central, elaboramos um teste de percepção, seguindo os trabalhos de Frota, Vigário e Martins (2002a, 2002b) e Cruz e Frota (2014), que consistiu em uma tarefa de discriminação categórica no formato AX categorial (igual-diferente), em que o participante ouve dois elementos em sequência num estímulo (estímulo A e estímulo X) e decide se estes elementos correspondem à mesma língua ou a línguas diferentes.

Para a construção do teste foram selecionadas duas sentenças declarativas neutras que fazem parte de *corpora* de fala semiespontânea, produzidas numa tarefa de completar o discurso (*Discourse Completion Test* – DCT) realizada para estudos prévios sobre SEP e PGB⁷. Para a produção das sentenças declarativas neutras, apresentava-se uma imagem e perguntava-se ao informante o que acontecia ali. Essas duas sentenças foram realizadas por duas falantes do SEP e dois falantes do PGB (2 sentenças × 2 falantes × 2 variedades), totalizando 8 sentenças, que compuseram o arranjo de combinações apresentadas aos participantes. Tanto as sentenças em SEP quanto as em PGB apresentavam de 8 a 10 sílabas. Cada sentença, por sua vez, foi filtrada (filtro *pass Hann band*) através do *software* PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2014) a 400Hz, para que apenas o contorno entoacional fosse preservado e não houvesse pista segmental.

Formaram-se 48 combinações (AA, BB, AB, BA), sendo 16 pares com sentenças da mesma variedade (8 SEP-SEP e 8 PGB-PGB) e 32 com sentenças de variedades diferentes entre si (SEP-PGB e PGB-SEP), todos eles constituídos por estímulos realizados por falantes diferentes. Entre os estímulos do mesmo par foi inserido um silêncio de 500 ms (*interstimulus interval*) separando as sentenças.

O experimento foi elaborado e realizado em maio de 2020, no início da pandemia de COVID-19, o que acarretou uma série de decisões metodológicas necessárias para sua viabilização. Os áudios de produção do PGB que estavam disponíveis para a realização do experimento eram produções de falantes masculinos, enquanto para o SEP dispúnhamos de gravações de falantes femininos. Portanto, para neutralizar a diferença de gênero dos falantes do PGB e SEP, as sentenças de PGB foram equalizadas 4 semitons acima através do *software Audacity*.

⁷ As sentenças em SEP foram gentilmente cedidas pelo Laboratório de Fonética do Centro de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pertencendo à base de dados do Projeto InAPoP, assim como a DCT utilizada para as duas variedades. Já as sentenças do PGB foram retiradas dos *corpora* de Braga (em preparação).

Na altura da realização do teste, não dispúnhamos de plataformas *on-line* que abarcassem o *design* do experimento com os arquivos de áudio, de modo que a tarefa de percepção teve que ser montada na plataforma Google Forms. Para isso, os áudios foram transformados em vídeos sem imagens, em que constava apenas a pergunta-chave (se as sentenças ouvidas pertenciam à mesma língua ou a línguas diferentes), inseridos individualmente na plataforma YouTube e, enfim, vinculados ao formulário do teste⁸.

Seguindo a metodologia de Frota, Vigário e Martins (2002a, 2002b), no texto inicial do teste era informado aos participantes que eles ouviriam sentenças foneticamente modificadas de duas línguas: *tíboli*, do Oriente Médio, e *nuembú*, da Oceania, não sendo informado aos participantes que tais línguas são fictícias. Após um treinamento de familiarização, eles deveriam decidir se os estímulos ouvidos pertenciam à mesma língua ou a línguas diferentes. Após o teste, era apresentado um questionário sociolinguístico, em que eram solicitadas informações sobre idade, escolarização, local de nascimento e de residência dos últimos 10 anos, línguas faladas, língua(s) materna(s), com quem residia e língua(s) falada(s) em casa, e duas questões de resposta aberta, que tratavam da motivação do julgamento das sentenças.

Para a etapa de treinamento, os participantes ouviram 4 sentenças em *tíboli* e 4 sentenças em *nuembú*. Em seguida, ouviram 2 pares descritos como sendo da mesma língua, e depois 2 pares descritos como sendo de línguas diferentes. A etapa final do treinamento consistiu na apresentação de 5 pares para os quais os participantes julgavam se eram compostos por sentenças da mesma língua ou de línguas diferentes. Nessa etapa, os participantes receberam *feedback* após cada resposta.

Para a realização da tarefa, foram selecionados participantes de dois grupos distintos, cujas variedades apresentam grande divergência entoacional: falantes nativos do SEP, variedade com poucos eventos tonais associados ao seu contorno e baixa alternância entre tons L e H em seus acentos tonais, e falantes nativos de PB da cidade de São Paulo, variedade que apresenta uma alta densidade tonal e grande alternância em tons H e L, caracterizada por uma sequência de acentos tonais pré-nucleares L*+H associadas a praticamente todas as PWs (FROTA; VIGÁRIO, 2000; FROTA, 2014; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; FROTA *et al.*, 2015; entre outros).

⁸ Na época, não foi possível utilizar as plataformas *PsychoPy* e *OpenSesame*. A plataforma *PsychoPy* apresentou problemas para a apresentação dos áudios *on-line* (havia distorções quando o experimento era iniciado) e não foi possível obter as licenças necessárias em tempo hábil para a realização do teste *on-line* na plataforma *OpenSesame*, visto a necessidade do registro da universidade no sistema *JATOS*, responsável pela hospedagem do experimento na *web* e pelo gerenciamento da coleta de dados.

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

A tarefa foi realizada *on-line* por 27 sujeitos, sendo um grupo formado por 8 falantes de SEP e outro formado por 19 falantes de PB da região da cidade de São Paulo. Embora o convite para a participação do teste tenha sido feito a falantes de SEP e PB de São Paulo, alguns participantes não preenchiam este critério (verificado através do questionário sociolinguístico), sendo suas respostas descartadas. Da mesma forma, encontramos apenas um participante na faixa etária entre 40 e 50 anos e um acima de 50 anos, que foram descartados para não enviesarem a amostra. Desse modo, 6 participantes do Brasil e 2 de Portugal foram eliminados por critérios sociolinguísticos. Em seguida, foram excluídas as respostas de participantes que não tiveram um desempenho satisfatório na tarefa de percepção por não terem conseguido identificar os pares de estímulos SEP-SEP e PGB-PGB como pertencentes à MESMA língua acima do nível de chance (50%), seguindo Frota, Vigário e Martins (2002a, 2002b) e Cruz e Frota (2014). Como havia 16 pares com essa configuração, utilizamos as respostas apenas dos participantes que acertaram a partir de 9 combinações de sentenças da mesma variedade.

Assim, nossos resultados correspondem à percepção de 11 participantes, sendo 6 falantes nativos do PB de São Paulo (PB-SP) e 5 falantes nativos do SEP, em três grupos etários, universitários ou já formados no grau de licenciatura ou mestrado, conforme expomos no Quadro 1.

Quadro 1. Características sociolinguísticas dos participantes

Participante	Língua materna	Idade	Escolaridade
1	SEP	19 anos	universitário
2			
3		20-29 anos	licenciado
4			
5			
6	PB-SP	20-29 anos	universitário
7			mestre
8		30-39 anos	universitário
9			licenciado
10			licenciado
11			mestre

Fonte: Elaboração própria.

Resultados e discussão

Como primeiro resultado do experimento, apontamos as respostas livres às perguntas “O que motivou a responder que as frases eram em línguas diferentes?” e “O que motivou a responder que as frases eram em línguas iguais?”. Como as duas perguntas eram obrigatórias, o participante poderia dar a mesma resposta para ambas ou eleger critérios diferentes para cada uma delas. Dos 11 participantes, 8 repetiram suas respostas para as duas perguntas, enquanto 3, além de darem a mesma resposta, a complementaram na segunda. Isso revela que os participantes parecem ter seguido os mesmos parâmetros para a categorização dos pares (se os estímulos pertenciam à mesma língua ou a línguas diferentes).

Quanto à qualidade das respostas, encontramos 15 menções à entoação/melodia das sentenças; 5 ao ritmo das sentenças; 5 à velocidade de fala como sendo um critério de julgamento; 2 menções diretas à prosódia das sentenças; e 4 aos segmentos percebidos, embora as sentenças estivessem filtradas. De maneira geral, estava claro aos participantes que o que diferenciava os estímulos dizia respeito à prosódia das línguas que estavam sendo comparadas.

Portanto, os índices de acerto mostram se de fato a percepção pode ser utilizada como mais um argumento de que o PGB apresenta, com relação às sentenças declarativas neutras, um contorno entoacional distinto de SEP.

Com relação às respostas para os pares formados por estímulos de variedades diferentes, esperava-se um alto índice de acerto tanto para os participantes falantes do SEP quanto para os falantes do PB-SP, o que significaria que para ambos, lisboetas e paulistanos, SEP e PGB possuem uma diferença entoacional: para os participantes falantes do SEP seria clara a distinção de um padrão com poucos eventos tonais de um contorno que apresentasse uma maior quantidade de tons; já para os falantes do PB-SP esperava-se que, por sua variedade apresentar uma alta densidade tonal e grande alternância entre tons L e H (já que nessa variedade há uma preferência pela alternância LHLH ao longo do contorno entoacional), fosse possível distinguir uma alta associação de tons, embora com pouca variação na configuração tonal, como é o PGB. Os resultados para os acertos dos pares formados por estímulos de variedades diferentes são apresentados na tabela 1.

De acordo com os resultados apresentados na tabela 1, tanto os participantes falantes paulistanos quanto os falantes lisboetas percebem quando as sentenças apresentadas nos estímulos pertencem a línguas diferentes, ambos apresentando 59,4%, de modo que nossa hipótese de que o PGB, do ponto de vista entoacional, é uma variedade caracterizada como tendo alta densidade tonal com pouca variação tonal parece se confirmar, embora essa taxa não seja muito acima do nível de chance.

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

Tabela 1. Acertos dos pares de sentenças formados por variedades diferentes (SEP-PGB ou PGB-SEP) de acordo com a língua materna do participante

Variedade do participante	Número de participantes	Média de acertos de pares de variedades DIFERENTES	% de acertos
PE-Lisboa	5	19	59,4
PB-São Paulo	6	19	59,4

Fonte: Elaboração própria.

Entretanto, se olharmos por faixa etária (tabela 2), vemos que a diferenciação do contorno entoacional do SEP e do PGB não é clara para os participantes de 19 anos, que acertaram apenas 48,4% dos pares DIFERENTES. Já para os participantes de idade entre 20 e 39 anos, essa diferenciação do contorno entoacional é mais nítida: participantes com idade entre 20 e 29 anos acertaram 61,9% desses pares, seguidos pelo grupo de participantes com idade entre 30 e 39 anos, que acertaram 61,7% dos pares que apresentavam sentenças de variedades diferentes. Porém, como é pequeno o número de sujeitos, é possível que esses resultados reflitam uma variação individual.

Tabela 2. Acerto dos pares de sentenças formados por variedades diferentes de acordo com a faixa etária do participante

Faixa etária do participante (anos)	Número de participantes	Média de acertos de pares de variedades DIFERENTES	% de acertos
19	2	15,5	48,4
20-29	5	19,8	61,9
30-39	4	19,8	61,7

Fonte: Elaboração própria.

Do mesmo modo, se tomamos como base a escolaridade dos participantes (ver tabela 3), vemos que, enquanto a distinção entre variedades, utilizando apenas o contorno entoacional, é de 69,8% para os participantes que concluíram o grau de Licenciatura e de 59,9% para os participantes universitários, para os participantes que já concluíram o mestrado tal distinção não é clara, pois o índice de acertos foi de apenas 42,2%, o que indica que participantes mais escolarizados não foram capazes de julgar como diferentes os contornos melódicos de SEP e PGB. Entretanto, precisamos ter cuidado ao interpretar esses resultados, pois podem ser o reflexo de idiosincrasia do pequeno número de participantes desse grau de escolaridade.

Tabela 3. Acerto dos pares de sentenças formados por variedades diferentes de acordo com a escolaridade do participante

Escolaridade do participante (grau)	Número de participantes	Média de acertos de pares de variedades DIFERENTES	% de acertos
Universitário (cursando)	6	19,2	59,9
Licenciado	3	22,3	69,8
Mestre	2	13,5	42,2

Fonte: Elaboração própria.

Analisando se nos pares de variedades diferentes a ordem em que os estímulos aparecem interfere na percepção das sentenças, verificamos que, para os participantes paulistanos, a diferença entre SEP e PGB é muito mais nítida quando o estímulo de SEP é apresentado primeiro, sendo encontrado 71,9% de acerto nesses casos. Entretanto, quando o estímulo em PGB é o primeiro a ser apresentado, a taxa de acerto é de 51%, muito próxima ao nível de chance, conforme podemos verificar na tabela 4.

Já para os participantes da variedade lisboeta, a taxa de reconhecimento de que as duas sentenças pertencem a variedades diferentes é de 65% quando o primeiro estímulo apresentado é SEP. Por sua vez, quando o primeiro estímulo pertence ao PGB, os participantes portugueses conseguem apontar que estão diante de línguas diferentes em 56,8%, pouco mais que os participantes brasileiros.

Tabela 4. Acertos dos pares de sentenças formados por variedades diferentes de acordo com o estímulo inicial por língua materna do participante

Variedade do participante	Número de participantes	Acertos em pares iniciados por estímulos de SEP	Acertos em pares iniciados por estímulos de PGB
PE-Lisboa	5	65%	56,8%
PB-São Paulo	6	71,9%	51%

Fonte: Elaboração própria.

O fato de o contraste entre o SEP e o PGB ser mais robusto quando a variedade com menos densidade tonal é o primeiro estímulo a ser ouvido nos leva a conjecturar que os participantes conseguem perceber a maior densidade tonal do PGB por comparação, mas que ela não é tão clara quando não há uma grande alternância de LHLH ao longo do contorno entoacional. Ou seja, ao ouvir o contorno de SEP (com pouca alternância de acentos tonais complexos) e, em seguida, o contorno entoacional de PGB (também com pouca alternância entre tons L e H, mas com alta densidade tonal), a quantidade de acentos tonais presentes no contorno se torna mais saliente para o participante do experimento. Entretanto, se o participante ouve primeiro o contorno entoacional de PGB

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

seguido do contorno entoacional de SEP, a diferença entre eles não é tão clara, pois a baixa alternância de acentos tonais L e H no contorno entoacional presente nas duas variedades encobre a diferença da densidade tonal, indicando-nos que um contorno entoacional é mais facilmente distinguido por essa alternância LHLH do que pela quantidade de acentos tonais que contém.

Corroborando essa análise, temos a taxa de 71,9% de acerto para brasileiros, quando o primeiro estímulo apresentado é o SEP. O PB é uma variedade que possui grande alternância LHLH, visto que seus acentos tonais pré-nucleares são ascendentes, e uma alta densidade tonal, fazendo sentido que seus falantes percebam a maior densidade tonal do PGB, quando este é apresentado logo após terem ouvido um contorno com pouca densidade tonal, como é o caso do SEP. Da mesma forma, a taxa de 51% de acerto dos brasileiros (próximo ao nível de chance), quando o contorno do PGB é o primeiro a ser apresentado, mostra-nos como a baixa alternância de tons L e H em um contorno entoacional é uma pista mais robusta do que a densidade tonal, quando se trata de diferenciarmos uma variedade/língua da outra.

Entretanto, desvincular variação melódica, ou seja, a alternância entre tons L e H, de densidade tonal não parece ser uma tarefa fácil. Ao examinarmos os pares de sentenças compostos por estímulos da mesma variedade (pares SEP-SEP e PGB-PGB), verificamos que diante dos pares SEP-SEP, que apresentam baixa densidade tonal e pouca variação melódica (por ter no contorno pré-nuclear apenas o evento tonal inicial do tipo H), observamos que a taxa de acertos dos participantes lisboetas foi de 85%. Em contrapartida, os pares PGB-PGB geraram estranhamento neste grupo de participantes, visto que as respostas corretas corresponderam a apenas 48,6%. Ou seja, a baixa variação melódica (dada pela falta de alternância de tons H e L) pode ter sido percebida, mas a presença de muitos acentos tonais fez com que os participantes acreditassem estarem diante de sentenças de línguas diferentes, como mostram os números na tabela 5.

Tabela 5. Acertos dos pares de sentenças formados pela mesma variedade de acordo com a língua materna do participante

Variedade do participante	Número de participantes	% de acertos em pares SEP-SEP	% de acertos em pares PGB-PGB
PE-Lisboa	5	85	48,6
PB-São Paulo	6	83,3	64,3

Fonte: Elaboração própria.

Já para os falantes de PB, cuja gramática exhibe uma alta densidade tonal, a exposição a contornos entoacionais com muitos acentos tonais associados não causou tanta confusão, sendo a taxa de acertos de 64,3%. Entretanto, parece ser mais natural que uma

língua com pouca alternância de acentos tonais L e H apresente poucos acentos tonais associados a ela, como é o caso dos pares SEP-SEP, que foram reconhecidos pelos falantes de PB como pertencentes à mesma língua em 83,3% dos casos.

Considerações finais

Neste estudo, procuramos pistas de que, também no domínio da percepção, o PGB se distingue prosodicamente do SEP, norma tida como alvo na Guiné-Bissau. Somando as características prosódicas aos contextos histórico e social, acreditamos existir argumentos para que o PGB seja considerado uma variedade de português em formação, e não a variedade europeia sendo falada de maneira defectiva.

Ainda que este seja um estudo preliminar – e, portanto, se faça necessário um número maior de dados e a submissão dos resultados a análises estatísticas para que possamos afirmar categoricamente que o PGB e o SEP são variedades perceptualmente distintas –, os resultados do experimento piloto indicam haver uma diferença na maneira como essas duas variedades de português são percebidas e apontam quais são as pistas entoacionais mais salientes.

A ordem de apresentação das variedades parece ter influência na taxa de acerto quando não se verifica a alternância entre tons L e H em um contorno entoacional, como é o caso do SEP e do PGB, sendo a diferença entre elas melhor percebida quando a primeira variedade apresentada for aquela que, além de não apresentar alternância LHLH, possuir poucos tons associados ao seu contorno entoacional (como é o caso do SEP).

Portanto, a densidade tonal parece só se tornar uma pista para a distinção de variedades quando a alternância entre acentos tonais L e H não estiver presente. Ainda assim, a alta densidade tonal em um contorno que apresente pouca alternância entre tons L e H parece estranha para aqueles cuja variedade correlacione pouca alternância LHLH à baixa densidade tonal, como é o caso dos lisboetas, que, diante da alta densidade tonal do PGB, não conseguiram identificá-lo. Dessa forma, os falantes do SEP estranham o contorno melódico do PGB, o que nos leva a crer que ele seja distinto do SEP também do ponto de vista da percepção.

Em trabalhos futuros, entretanto, pretendemos explorar também a hipótese de que a assimetria perceptiva possa ser a responsável pela distinção das variedades. Esperamos poder contar com um maior número de participantes na realização do experimento, uma plataforma de fácil desenvolvimento do *design* experimental e de fácil coleta de dados, assim como contar com a participação de falantes do crioulo como língua materna e do PGB

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

como uma segunda língua, para investigarmos os resultados também da perspectiva dos falantes dessa variedade. Ademais, uma análise estatística adequada poderá nos mostrar o quão significantes são os resultados encontrados.

Estudos pilotos como este lançam novos olhares para variedades de português na África, assim como para a grandeza que trabalhos de percepção trazem para nosso entendimento sobre os aspectos prosódicos das línguas naturais e seu processamento na mente humana.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – processos 437021/2018-1 (Chamada MCTI/CNPQ Nº 28/2018 – Universal) e 313103/2018-6 (Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ, nível 2) e da Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal (PTDC/CLE-LIN/119787/2010 e UIDB/00214/2020), pelos quais agradecemos.

Referências

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat**: doing phonetics by computer (Version 5.3.82) [Computer Program], 2014. Versão: 26 julho de 2014. Disponível em: <http://www.praat.org>. Acesso em: 22 set. 2018.

BRAGA, G. **Prosódia de línguas em contato**: a gramática entoacional do guineense (kriol) e do português falado na Guiné-Bissau (título provisório). Tese de Doutorado. Em preparação.

BRAGA, G. **Prosódia do português de São Tomé**: o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BROOKS, G. E. **Eurafricans in western Africa**: Commerce, social status, gender, and religious observance from the sixteenth to the eighteenth century. Athens: Ohio University Press, 2003.

BULL, B. P. **O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria**. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa, 1989.

CARREIRA, A. **Os portugueses nos Rios de Guiné (1500–1900)**. Lisbon: Self-published, 1984.

CRUZ, M. **Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

CRUZ, M.; FROTA, S. Rhythm in central-southern varieties of European Portuguese: production and perception. *Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, p. 214-230, 2014.

D'AZEVEDO, W. L. Some historical problems in the delineation of a Central West Atlantic region. *Annals of the New York Academy of Sciences*, n. 96, v. 2, p. 512-538, 1962.

EBERHARD, D. M.; SIMONS, G. F.; FENNIG, C. D. (ed.). **Ethnologue: Languages of the World**. Twenty-fourth edition. Dallas, Texas: SIL International, 2018. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/country/GW>. Acesso em: 22 set. 2018.

FERNANDES, F. R. Tonal association in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 5-6, p. 91-115, 2007a.

FERNANDES, F. R. **Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia**. 2007b. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007b.

FROTA, S. The intonational phonology of European Portuguese. *In: JUN, S.-A. (ed.). Prosodic Typology II*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 6-42.

FROTA, S. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics*, v. 2, p. 133-152, 2003.

FROTA, S. Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. **Probus**. Special Issue on Intonation in Romance. edited by José-Ignacio Hualde, v. 14, n. 1, p. 113-146, 2002a.

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

FROTA, S. Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls. *In: GUSSENHOVEN, C.; WARNER, N. (ed.). **Laboratory Phonology**, Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, v. 7, p. 387-418, 2002b.*

FROTA, S. **Prosody and focus in European Portuguese**: phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing, 2000.

FROTA, S.; CRUZ, M.; SVARTMAN, F.; COLLISCHONN, G.; FONSECA, A.; SERRA, C.; OLIVEIRA, P.; VIGÁRIO, M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. *In: FROTA, S.; PRIETO, P. (ed.). **Intonation in Romance**. New York: Oxford University, 2015. p. 235-283.*

FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Intonational Phrasing in two varieties of European Portuguese. *In: RIAD, T.; GUSSENHOVEN, C. (ed.). v. 1. **Tones and Tunes**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 265-291.*

FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. *In: CASTRO, R. V.; BARBOSA, P. (org.). **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Coimbra: APL, 2000, v. 1, p. 533-555.*

FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; MARTINS, F. Language Discrimination and Rhythm Classes: Evidence from Portuguese. **Speech Prosody Proceedings**. Aix-en-Provence, p. 315-318, 2002a.

FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; MARTINS, F. Discriminação entre línguas: evidência para classes rítmicas. *In: GONÇALVES, A.; NUNES CORREIA, C. (ed.). **Actas do XVII Encontro da APL**. Lisboa: APL/Colibri, 2002b. p. 189-199.*

GRØNNUM, N.; VIANA, M. do C. Aspects of European Portuguese Intonation. *In: **ICPhS 99**, San Francisco, v. 3, 1997-2000, 1999.*

HAWTHORNE, W. **From Africa to Brazil**: Culture, Identity and an Atlantic Slave Trade, 1600 to 1830. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

HAWTHORNE, W. **Planting rice and harvesting slaves**: Transformations along the Guinea-Bissau Coast, 1400-1900. Portsmouth, NH: Heinemann, 2003.

HAWTHORNE, W.; NAFAFÉ, J. L. The historical roots of multicultural unity along the Upper Guinea Coast and in Guinea-Bissau. **Social Dynamics**, v. 42, n. 1, p. 31-45, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/02533952.2016.1164955>

HORTON, R. Stateless societies in the history of West Africa. *In*: FESTUS, J.; AJAYI, A.; CROWDER, M. (ed.). **History of West Africa**. v. 1. London: Longman, 1985. p. 87-128.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. RGPH. **Terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação – 2009**. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA: Guiné-Bissau. 2009.

JACOBS, Bt. Upper Guinea Creole: Evidence in favor of a Santiago birth. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 25, n. 2, p. 289–343, jan. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1075/jpcl.25.2.04jac>

KIHM, A. **Kriyol Syntax**: The Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994.

KNÖRR, J. Creolization in Atlantic West Africa: the example of Sierra Leone. *In*: LÜPKE, F. (ed.). **Oxford Guide to the World's Languages: Atlantic**. Oxford: Oxford University Press, in press.

KNÖRR, J.; TRAJANO FILHO, W. Introduction. *In*: KNÖRR, J.; TRAJANO FILHO, W. (ed.). **The powerful presence of the past**: integration and conflict along the upper Guinea Coast. Leiden/Boston: Brill, 2010. p. 1-23.

KOHL, C. Creole language and identity in Guinea-Bissau: socio-antropological perspectives. *In*: KNÖRR, J.; TRAJANO FILHO, W. (ed.). **Creolization an pidginization in contexts of postcolonial diversity**: language, culture, identity. Boston: Brill, 2018. p. 158-177.

LADD, R. **Intonational Phonology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LADD, R. **Intonational Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**: with a new foreword. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2007.

- | Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris: 1986.

PIERREHUMBERT, J. **The phonology and phonetics of English intonation**. 1980. Tese (PhD) – MIT, Cambridge, Mass., 1980.

SANTOS, V. G. dos. **Entoação do contorno neutro do português de Guiné-Bissau: uma comparação com o português brasileiro**. 2015. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, V. G. dos; BRAGA, G. Associação tonal em sentenças declarativas neutras do português de Bissau e de São Tomé. **PAPIA**, v. 27, n. 1, p. 7-32, 2017.

SANTOS, V. G. dos; FERNANDES-SVARTMAN, F. R. O padrão entoacional neutro do português de Guiné-Bissau: uma comparação preliminar com o português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, p. 48-63, 2014.

SELKIRK, E. O. **Phonology and syntax: the relation between sound and structure**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1984.

SILVA HORTA, J. da. Evidence for a Luso-African identity in “Portuguese” accounts on “Guinea of Cape Verde” (Sixteenth-Seventeenth Centuries). **History in Africa**, n. 27, p. 99-130, 2000.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TONELI, P. **A palavra prosódica no português brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

VIANA, M. do C. **Para a síntese da entoação do Português**. 1987. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Lisboa: CLUL-INIC, 1987.

VIGÁRIO, M. **The prosodic word in European Portuguese**. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2003.

VIGÁRIO, M. **Aspectos da prosódia do português europeu**: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica. Braga: CEHUM, 1998.

VIGÁRIO, M.; FROTA, S. The intonation of Standard and Northern European Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**. Special Issue on Portuguese Phonology edited by W. Leo Wetzels, v. 2, n. 2, p. 115-137, 2003.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: BRAGA, Gabriela; FROTA, Sónia; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Português Guineense e Português Europeu: um estudo preliminar sobre a percepção das suas diferenças entoacionais. **Revista do GEL**, v. 18, n. 3, p. 70-94, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 29/07/2021 | Aceito em: 16/10/2021.
